

“Desconstruindo a Maternidade”: Narrativas Pessoais e Confiança em Mídias Sociais^{1 2}

Beatriz Brandão POLIVANOV³
Ana Luiza de FIGUEIREDO SOUZA⁴
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Em um contexto de questionamento da credibilidade de instituições midiáticas e científicas e da eu-pistemologia (VAN ZONEN, 2012), bem como de “excesso informacional” (TANG; LIU, 2015), este artigo objetiva investigar as percepções de mães sobre fontes de informação por elas entendidas enquanto confiáveis, tendo como base empírica pesquisa de cunho exploratório realizada em um grupo *online* do Facebook: “Desconstruindo a maternidade”. São propostos três eixos de discussão sobre: a) razões de criação e entrada no grupo DAM; b) fontes de informações e critérios de confiabilidade para mídias sociais e perfis e c) compartilhamento de experiências íntimas. As conclusões indicam que as narrativas pessoais das mães são centrais para criar uma sensação de confiança, aliadas ao discurso médico.

Palavras-chave: Desconstruindo a maternidade; confiança; narrativas pessoais; mídias sociais.

Introdução

Desde que o “ciberespaço” foi aclamado, nos anos 1990, como espaço fomentador da inteligência coletiva (LÉVY, 1997) e a “terra prometida” para a democratização das mídias (PRIMO, 2013), ele e, mais especificamente, as chamadas mídias sociais⁵ agora geram importantes questões sobre a circulação de *fake news* (MARCHI, 2002), a agência de algoritmos em processos comunicativos (ARAÚJO, 2017; SILVA, 2019), a violação da privacidade dos sujeitos e o controle sobre seus dados (BRUNO, 2008), dentre outras.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Artigo submetido ao e-book “Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data”.

³ Docente do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, líder do grupo de pesquisa MiDCom (UFF/CNPq), e-mail: beatrizpolivanov@id.uff.br.

⁴ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, integrante do grupo de pesquisa MiDCom (UFF/CNPq), e-mail: analuiza.dfigueiredo@gmail.com.

⁵ Estamos usando o termo que se popularizou fora e dentro do meio acadêmico, entendendo que “As mídias sociais podem ser definidas como ‘tecnologias e práticas online usadas por pessoas ou empresas para disseminar conteúdo, provocando o compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas’ (SOUSA e AZEVEDO, 2010). São, portanto, mídias voltadas para a web que focam a interação social, o diálogo, seguindo a lógica da web 2.0 e distinguindo-se assim dos meios de comunicação de massa tradicionais que se baseiam em grande medida em uma dinâmica informativa de mão única (um polo emissor enviando a mesma mensagem para um grupo de receptores tido como homogêneo)” (POLIVANOV, 2012, p. 32). Em uma visada mais próxima à perspectiva das materialidades da comunicação, tais mídias podem ser referidas como “sociotécnicas”.

Em meio a tais debates, encontra-se a questão sobre em que ou em quem se pode confiar enquanto fonte de informação.

Conforme argumenta Van Zoonen (2012), instituições políticas, científicas e midiáticas não detêm mais uma posição garantida na proclamação do que pode ser considerado como “a verdade”. Nas mídias sociais, observamos um número de narrativas pessoais que emergem nessa era de “excesso informacional” (TANG e LIU, 2015), disputando o valor de autenticidade com os representantes de tais instituições.

Dentre tais narrativas destacamos um grupo específico: o de mães e tentantes (mulheres que desejam engravidar) que oferecem e/ou procuram conselhos sobre a maternidade em mídias sociais. Observamos que o número de grupos de apoio e informação a essas pessoas no site de rede social Facebook tem crescido consideravelmente nos últimos cinco anos. Apesar de isso certamente não ser uma especificidade do universo parental – pode-se argumentar que há grupos *online* para basicamente qualquer tema atualmente – e não ter tido início com as mídias sociais – pode-se referir às comunidades virtuais de MUDs, chats etc. em outros tempos – o que nos chama a atenção é o fato de que, no Brasil, mais mulheres têm usado plataformas como o Facebook para expor suas dificuldades pessoais em cuidar dos filhos e o que seria a “maternidade real” (FIGUEIREDO SOUZA, 2019). Assuntos que eram considerados demasiado particulares no passado estão sendo compartilhados com grupos de estranhos (em ambientes não anônimos, como o Facebook), em quem essas mães e tentantes parecem confiar mais do que outras fontes de informação.

Argumentamos que debates sobre mídias sociais e confiança são frequentemente focados na esfera política, enquanto aos campos da maternidade e da cultura digital faltam mais estudos, conforme sustenta Tomaz (2015). Desse modo, o objetivo principal deste artigo é investigar as percepções das mães e tentantes sobre quais tipos de fontes de informação podem ser tidas como confiáveis quando se trata da maternidade. Tivemos como campo de pesquisa, de janeiro a junho de 2019, o grupo no Facebook chamado “Desconstruindo a maternidade”⁶ que, além de ter sido um dos mais ativos nesse âmbito, era fechado (não secreto), ou seja, podia ser encontrado por qualquer pessoa com acesso a seu link, ao mesmo tempo em que protegia seu conteúdo e suas participantes, que

⁶ Anteriormente denominado “Descobrimo a maternidade”.

necessitavam de aprovação prévia das moderadoras para integrá-lo⁷. Contudo, o grupo foi retirado do ar por razões que exploraremos na seção metodológica. De todo modo, nos baseamos empiricamente neste artigo nas postagens coletadas do mesmo e nas entrevistas realizadas com sua criadora (e principal administradora) e mais oito participantes.

Tais práticas dependem não apenas do grupo social sendo investigado, mas também do momento histórico e da mediação tecnológica. Assim, como objetivos secundários, esperamos descobrir quais plataformas as mães e tentantes do grupo “Desconstruindo a maternidade” consideram mais confiáveis e por que razões. De início, a hipótese principal era a de que experiências pessoais de outras mães seriam centrais para criar uma ideia de confiança e que grupos fechados ou secretos de Facebook, assim como do Whatsapp, seriam tidos por elas como fontes de informação confiáveis.

O artigo se estrutura da seguinte forma: na primeira seção discutimos brevemente sobre a noção de confiança e mídias sociais de modo mais amplo, a partir de revisão da literatura; na segunda seção apresentamos o contexto dos debates contemporâneos sobre maternidade e o grupo *online* aqui estudado; na terceira trazemos os resultados da pesquisa para, ao final, chegarmos às conclusões e encaminhamentos futuros sobre as relações entre maternidade, confiança em fontes de informação e mídias sociais.

Confiança e Cultura Digital

Certamente não é a partir das mídias sociais que a discussão sobre confiança em informações veio à tona. Se o campo do jornalismo buscou historicamente se construir com base em problemáticos ideais de objetividade, neutralidade e imparcialidade⁸, assistimos, desde os anos 1980, com pesquisas sobre a sensação de que as notícias são tendenciosas (GOMES, 2016), a uma queda ou, ao menos, à reconfiguração dessa narrativa, que acarreta múltiplos efeitos. Com as mídias sociais, parecemos ter chegado ao ápice da desconfiança em relação não apenas a fontes jornalísticas, mas também científicas, jurídicas e midiáticas.

⁷ O fato de uma das pesquisadoras ter estabelecido contato prévio com a criadora do grupo também foi levado em consideração para escolhê-lo, pois facilitaria a realização das entrevistas.

⁸ Conforme argumentam Miguel e Biroli (2010, p. 66): “a imparcialidade não é apenas inatingível. Ao ser ativada como um valor de referência para a avaliação do grau de democracia, justiça e pluralidade presente nos meios de comunicação (...) não permite considerar uma parte relevante das dinâmicas de opressão. A imparcialidade, como valor-guia, colabora para a ocultação dos lugares de enunciação dos discursos e das redes de diferenciação que os caracterizam e fazem com que circulem por determinados espaços e sejam aceitos como verdadeiros”.

Muitos dos trabalhos que se dedicam ao tema da confiança e mídias sociais estão voltados para o campo da política. Neste, a questão das *fake news* mais especificamente tem atraído uma série de pesquisadores, ainda mais tendo-se em mente o contexto das últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos e no Brasil. Apesar de não serem um fenômeno necessariamente da cultura digital, Dourado e Gomes ressaltam que:

A vida digital comporta possibilidades nunca experimentadas no território da contrafação de narrativas factuais, sobretudo porque acrescenta a esta atividade uma capacidade sem precedentes de alcance na disseminação de conteúdo falso e uma velocidade antes impensável de propagação. Sem mencionar a facilidade na produção de conteúdo, as possibilidades de distribuição extremamente segmentada para o público-alvo, a capacidade de exposição inadvertida nos *smartphones*, a extrema maleabilidade e reprodutibilidade dos materiais digitais (DOURADO e GOMES, 2019, p. 7).

Nosso olhar aqui volta-se, no entanto, não exatamente para uma qualificação dos conteúdos em si que circulam no grupo “Desconstruindo a maternidade”, se podem ser considerados “verdadeiros” ou não, mas que fontes e quais critérios são utilizados por suas membras ao buscar informações sobre a maternidade. E, assim, de que modos a cultura digital pode estar afetando práticas maternas na era da “pós-verdade”. Conforme argumenta Van Zoonen, estaríamos vivendo um momento histórico de “suspeita epistemológica”, no qual a noção de verdade outrora trazida por instituições consagradas passa a ser substituída pela perspectiva subjetiva e pela memória individual, no que a autora denomina “eu-pistemologia” (“*I-pistemology*”)⁹.

Onde a epistemologia está preocupada com a natureza, fontes e métodos do conhecimento, a eu-pistemologia responde essas questões com base no “eu” (em mim) e na Identidade, tendo a Internet como grande facilitador¹⁰ (VAN ZOONEN, 2012, p. 60).

Assim, a dimensão da experiência pessoal ganha força como lugar de verdade. Plataformas *online* corroboram para que tais “verdades” pessoais sejam disseminadas em rede, ficando a questão de como lidar com a pluralidade de vozes que reivindicam suas verdades a partir das próprias experiências particulares.

9 Ainda que o contexto de observação da autora seja o da Europa e dos Estados Unidos, julgamos suas ideias pertinentes também para entender o cenário brasileiro.

10 No original: “Where epistemology is concerned with the nature, sources and methods knowledge, then I-pistemology answers these questions from the basis of I (as in me, myself) and Identity, with the Internet as the great facilitator” (tradução nossa).

Interessam-nos, portanto, as relações de confiança estabelecidas entre as participantes do grupo “Desconstruindo a maternidade”, e de que modos as narrativas pessoais que compartilham, baseadas em experiências tidas como reais, se relacionam com narrativas outras, como o discurso científico. Os laços sociais estabelecidos no grupo confeririam valor de confiabilidade aos conteúdos nele divulgados? Como se dá o processo de confiança não apenas nas informações, mas também nos sujeitos do grupo, no que tange à maternidade?

Ainda que não nos caiba fazer um debate sobre a noção de “confiança” de modo mais abrangente, é importante destacar que, como explica Lundasen,

De um ponto de vista mais psicológico, a confiança pode ser dividida em três níveis diferentes: confiança generalizada (na natureza humana), confiança relacional (relacionada com pessoas conhecidas específicas) e confiança na rede (nível intermediário relacionado com as redes sociais¹¹ ou familiares) (LUNDASEN, 2002, p. 310).

O nível que nos interessa investigar neste artigo é, assim, o da “confiança em rede”. Buscamos entender que fontes de informação e pessoas eram tidas como confiáveis no grupo, no qual a maior parte das interações se dava entre mulheres que não se conheciam pessoalmente, mas que, ainda assim, compartilhavam de um elemento que as unia na “comunidade”: a maternidade ou o forte desejo por ela.

“Desconstruindo a Maternidade”: Debates Contemporâneos e o Grupo no Facebook

Em um cenário em que as experiências pessoais ganham destaque, servindo de base para discussões públicas, o compartilhamento de relatos, vídeos, imagens e depoimentos acerca da maternidade apresenta aumento significativo, gerando repercussão entre diferentes públicos e veículos midiáticos. As mídias sociais, especialmente o Facebook, aparecem enquanto o suporte mais mobilizado por mulheres interessadas em dividir suas vivências maternas: um conjunto de valores e ideologias relacionados à maternidade que cada mulher – por meio do convívio familiar, instituições de ensino, cotidiano social, redes de contatos, entre outros – adquire ao longo da vida, que ajuda a estabelecer o lugar a ela reservado dentro de seu planejamento pessoal e, também, a forma como a enxerga em termos coletivos (FIGUEIREDO SOUZA, 2019).

11 Vale lembrar que “redes sociais” não são sinônimo de “sites de redes sociais” e que os autores se referem às redes de sociabilidade formadas ao longo da vida dos sujeitos, independentemente de mídias digitais como o Facebook.

Ao compartilharem suas vivências maternas em ambientes coletivos, as participantes das discussões *online* sobre a maternidade constroem redes de apoio, trocam conselhos, revelam experiências e sentimentos que costumam ser censurados tanto no convívio social quanto na mídia massiva, fazem demandas, desabafam sobre os problemas enfrentados por terem (ou não) filhos, descobrem pontos em comum com outras vivências maternas e discutem a maternidade de forma mais ampla, refletindo sobre sua construção social e o impacto que possui na vida das mulheres, independentemente de serem mães. Contudo, também encontram contestações, desprezo, ataques, deboches, visões de mundo muito diferentes (ou mesmo antagônicas) às suas e preconceitos, além de denúncias aos comentários e postagens que publicam.

Nesse contexto potencialmente agressivo e condenatório, é possível compreender a proliferação de grupos (sobretudo fechados ou secretos) no Facebook voltados para questões maternas. Por serem restritos às participantes e especificarem o perfil de público ao qual são dirigidos, fornecem maior privacidade e segurança àquelas que o integram, já que, em princípio, estão entre pessoas que agem e pensam de forma parecida com a sua.

Entre eles encontrava-se o grupo fechado “Desconstruindo a Maternidade” (chamado pelas membras de DAM), que era bastante ativo quanto à frequência de postagens e contava com 1.300 participantes em 15 de junho de 2019. O grupo deriva de outro cujo nome era “Descobrimo a Maternidade” (também abreviado como DAM), criado em outubro de 2018 por G.¹² e administrado por ela e mais cinco amigas: duas que já a conheciam de longa data e três que a conheceram por meio do grupo. Até o início de junho de 2019, tinha quase 12 mil membras. No entanto, ex-integrantes que dele haviam sido banidas se juntaram para denunciarem o grupo ao Facebook, fazendo-o ser excluído pelo site. As participantes que desejavam que o grupo fosse recriado mandaram mensagens privadas via Facebook (*inbox*) para G. e, no dia 11 de junho de 2019, ela cedeu a seus pedidos, alterando o nome para “Desconstruindo a Maternidade”. As denúncias continuaram e, em 17 de junho de 2019, o novo grupo também foi “derrubado”.

Este se apresentava como “gestacional feminista” e destinava-se a mulheres brasileiras tentantes, grávidas ou que já tinham filhos. Segundo informado na seção ‘Sobre’, havia a proposta de ser um ambiente de trocas e descontração. Apesar de colocar-

¹² Optamos por identificar as participantes da pesquisa somente pelas iniciais de seus nomes, de modo a manter seu anonimato.

se enquanto local para “assuntos polêmicos” e “sem tabus”, evitava abordar alguns tópicos mais problemáticos, como o aborto.

Figura 1 – Regras de uso do grupo “Desconstruindo a Maternidade”

Descrição

Olá, sejam bem vindos ao Descobrimdo a maternidade! Somos um grupo gestacional feminista e sem tabus por tanto aqui falamos sobre tudo e de forma esclarecedora e aberta sendo assim não julgamos e não toleramos julgamentos.

Espero que se sintam acolhidas aqui porque esse é o nosso propósito! A proposta do grupo é abordar assuntos sobre maternidade e assuntos femininos em geral, também um cantinho pra desabafar e se sentir acolhida, aqui você pode tirar suas duvidas, pedir ajuda, contar suas experiencias e trocar informações, também estamos aqui pra se divertir, falar sobre o cotidiano, assuntos polêmicos, sobre o nosso dia a dia e debater de uma forma saudável, sintam-se a vontade para serem vcs mesma desde que sigam as regras de boa convivência que são:

- 🚫 É PROIBIDO DENUNCIAR AS PUBLICAÇÕES DO GRUPO.
- 🚫 Proibido homens.
- 🚫 Proibido fakes.
- 🚫 Proibido indicar/citar medicamentos.
- 🚫 Proibido indicar/citar medicamentos para crianças menores de 6 meses e gestantes.
- 🚫 Proibido indicar alimentos, chás, fórmulas ou leite para crianças menores de 6 meses. Ação sujeita a silenciamento.
- 🚫 Proibido desrespeitar, xingar, julgar ou insultar as outras membras. Respeito é bom e todo mundo gosta. Agora xingar nas publicações ta liberado.
- 🚫 Liberamos postarem fotos de tampão e fluídos nos posts e fora de comentários.
- 🚫 Proibido postar prints, links ou publicações de sorteio pedindo curtidas ou comentários.
- 🚫 Proibido postar links de vaquinhas online ou qualquer outro post pedindo arrecadações de dinheiro ou qualquer outra ajuda. Existem grupos para isso, o DAM não é um deles.
- 🚫 Proibido postar prints ou publicações com fontes duvidosas as famosas fake news.
- 🚫 Proibido divulgar outros grupos do facebook e whatsapp.
- 🚫 Proibido postar lives de tarot, ebooks, religião, política e afins.
- 🚫 Qualquer forma de insulto, difamação, pornografia, racismo, xenofobia, xingamento, (palavra secreta : Ai kemi) apologia a atos de violência ou discriminação será comunicada, deletada e o autor será banido.
- 🚫 Bloquear moderador/adm é ban
- 🚫 Toda sexta-feira temos a sexta da maldade onde o grupo é aberto para falar sobre sexo e assuntos sexuais. Então não venha de mimimi

QUEM DESCUMPRIR AS REGRAS SERA SUJEITO A SER SILENCIADA, SE INSISTIR É BAN.
SE MESMO ASSIM VIREM ALGUÉM DESCUMPRINDO AS REGRAS MARQUE AS NOSSAS ADMS E MODS QUE IREMOS SOLUCIONAR O PROBLEMA.

🌸 SEJAM BEM VINDAS AO DAM 🌸

Nota-se que a preservação do perfil de participantes (sem *fakes* ou homens) e o cuidado com a manutenção do grupo eram fortes preocupações das regras de uso, mas não o impediram de ser retirado “do ar” novamente. Havia ainda a tentativa de criar um ambiente harmônico e respeitoso, sem agressões ou julgamento. Considerando-se o nível de cobrança com o qual as mães convivem no cotidiano, estabelecer que o grupo “não julga e não tolera julgamentos” provavelmente funcionava como fator que não apenas trazia maior confiança às participantes para integrá-lo, mas também estimulava que tivessem menos receio de expor suas vivências maternas. Ainda assim, ocorriam conflitos entre as integrantes, perpassados por juízos de valor.

Também se percebiam a seriedade e o cuidado quanto a fazer aconselhamentos de cunho medicinal dentro do grupo (proibição de se indicar ou mesmo citar medicamentos), que contrastava com a forma direta e humorada de informar sobre as “sexta[s] da maldade”, dia estipulado para discutir temáticas sexuais, em que o “mimimi”, ou seja, o excesso de zelo e sensibilidade, não seria bem-vindo. Tal configuração alinhava-se à proposta do grupo e ao perfil de seu público: eram majoritariamente mães dividindo suas experiências (inclusive sexuais) em uma cultura midiática mais expositiva, não médicas prescrevendo remédios. Além de revelar a importância dada à prática e ao discurso médicos, adequava-se ao lugar de fala das participantes e ao tipo de postagem mais comum no DAM: relatos e dúvidas sobre os filhos/rotina materna. Raramente eram postados *links* externos ou matérias de sites informativos. A maioria das postagens era produzida pelas próprias integrantes, na aba de discussões do grupo, a partir de suas vivências maternas.

Ao solicitarem entrada no DAM, as proponentes precisavam responder um questionário com três perguntas para, segundo G., “as integrantes ficarem cientes das regras do grupo. Lá nós deixamos as regras resumidas e explicamos que não toleramos machismo etc.”. Mais uma vez, nota-se a tentativa de criar um ambiente convidativo e seguro para as mães, junto à de enfatizar o modo de funcionamento daquele espaço.

Metodologia e Discussão de Resultados

O presente artigo apresenta uma abordagem qualitativa, sendo baseado no estudo exploratório do grupo “Desconstruindo a Maternidade” e em entrevistas com uma de suas administradoras (também criadora do grupo) e oito participantes. O grupo havia sido escolhido para a pesquisa depois de um mapeamento dos mais recentes e ativos grupos maternos brasileiros no Facebook, e que aceitaram a entrada das pesquisadoras (ambas não mães). A escolha do site como plataforma para estudo havia se dado a partir de observações anteriores (FIGUEIREDO SOUZA, 2019), que mostram o quanto tem sido utilizado para debates sobre a maternidade no contexto do Brasil contemporâneo.

Para atingir os objetivos anteriormente mencionados, estabelecemos os seguintes passos metodológicos, com base nos princípios da etnografia virtual (HAIR e CLARK, 2003; HINE, 2000): 1) seleção do grupo a ser estudado; 2) negociação para entrar nele; 3) observação participativa do grupo; 4) realização de entrevistas estruturadas com as integrantes (via Facebook e/ou WhatsApp no período de 6 a 22 de junho de 2019); e 5)

compartilhamento dos resultados do trabalho com as participantes. Propomos também a inclusão de mais uma etapa, antes da quinta: a categorização do conteúdo das entrevistas baseada em eixos de discussão, todos relacionados à maternidade: a) Razões de entrada e confiança no grupo DAM no cenário midiático contemporâneo; b) Fontes de informações e critérios de confiabilidade para mídias sociais e perfis e c) Compartilhamento de experiências íntimas e sua relação com a confiança. Ainda que o grupo não esteja mais em funcionamento durante a finalização deste trabalho (junho de 2019), acreditamos que o material coletado e as entrevistas trouxeram dados relevantes.

a) Razões de criação e entrada no grupo DAM

Segundo G., criadora e uma das administradoras do DAM, quando ela e suas amigas o formaram tinham a “intenção de fazer amizades, união, um grupo bem de maternidade real, com todas as coisas boas e ruins”. Diferentemente de outros grupos dos quais participava “e só via tipo fralda, foto de barriga, não sentia que elas [membras] eram unidas”, no DAM “as mãezinhas sabem que podem desabafar de estarem cansadas da maternidade porque sabem que ninguém vai deixar outra pessoa julgá-las”. Ter uma suposta liberdade para falar de aspectos positivos e negativos sobre da vivência materna, bem como criar laços sociais, foi também o que motivou L., K., R., J., S., L2 e Y. a entrarem no grupo (L. e Y. estavam grávidas quando foram a ele adicionadas).

Apesar da intenção de não haver julgamentos de valor e criar um ambiente de união entre as mulheres do grupo, L. relata que já houve casos de “má fé”, como a publicação de fotos de bebês de membras do grupo sem autorização, enquanto K. afirma que o grupo possuía “muita talarica infiltrada”. Apesar disso, tanto L. quanto R. o consideravam confiável “por não haver muitos membros e todas terem uma certa amizade virtual” para a primeira e porque as administradoras estavam “sempre de olho para nos defender” para a segunda. Esta última fala se alinha à da administradora G.

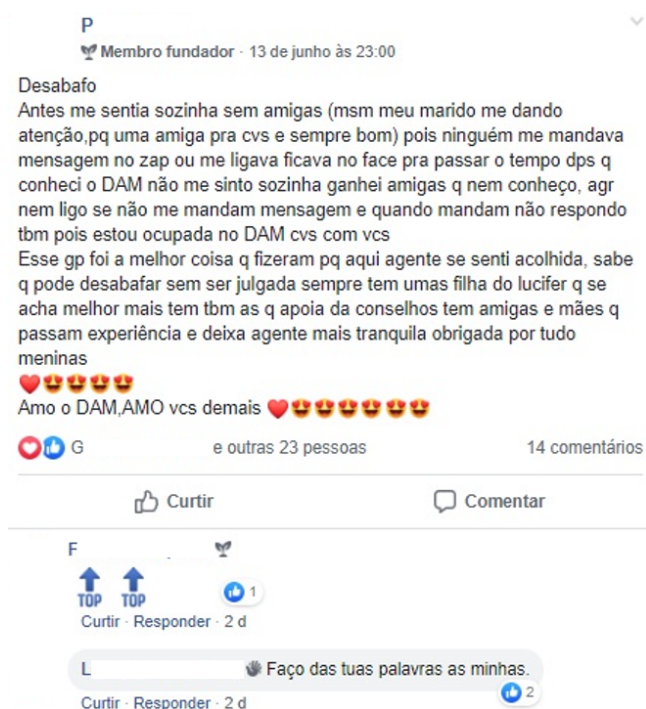
(...) transmitimos confiança quando damos a cara a tapa por elas. Por exemplo, sempre que alguma mamãe faz algum desabafo de sua vida pessoal lá, quando outra integrante tenta humilhar, fazer a pessoa se sentir mal, a gente já logo corta as asas da mal-educada. Então acho que com o fato de estarmos sempre de olho e sempre defendermos, elas se sentem à vontade e confiantes para postar (G., 2019).

Quanto à confiança nas membras do grupo, L., J. e R. relatam ser possível saber em quem confiar, mas por razões distintas. Para L., o critério é a “atitude de alguma forma ajudar membros que estão passando por um momento difícil assim como eu passei” [L.

sofreu um aborto espontâneo], para J. é “pelos comentários, o jeito que acolhe”, enquanto para R. confiáveis são as mulheres “diretas, sem mimimi e que não fazem questão de agradar e falam o que pensam, goste quem gostar” com as quais se identificava. Já para K. é muito difícil distinguir quais perfis seriam *fake*, confiáveis ou de infiltradas, razão para acreditar que “nenhum grupo é confiável”.

Dois elementos aparecem, assim, como centrais para o grupo: a ideia de se poder falar mais “abertamente” sobre problemas relacionados à maternidade, ainda que houvesse julgamentos morais, e a busca por laços afetivos e de suporte (como Figueiredo Souza, 2019, já havia apontado). A imagem abaixo traz a fala de outra membra fundadora do grupo, ressaltando que seu sofrimento devido à solidão foi superado graças às amizades criadas no DAM, embora sem conhecer pessoalmente muitas das amigas.

Figura 2 – Post sobre amizade e acolhimento



Contudo, é importante destacar que, pelo que pudemos observar, o grupo foi excluído ao menos duas vezes pelo Facebook (nas duas diferentes versões) devido a denúncias feitas por ex-integrantes. Uma delas, acreditamos, estaria relacionada ao fato de que uma grávida de 14 anos entrou no grupo solicitando conselhos, o que não foi bem visto por algumas membras, que “super criticaram” e “julgaram” a menina, “acharam um absurdo” (G.) a gravidez em tão pouca idade. Assim, por mais que os ideais de união se fizessem presentes, os conflitos e divergências acabaram por suplantar a própria existência do grupo.

b) Fontes de informações e critérios de confiabilidade para mídias sociais e perfis

Inicialmente aventamos como hipótese que, na era da “pós-verdade” e da “eu-pistemologia” (VAN ZONEN, 2012), o discurso científico teria menos valor de confiabilidade para as membras do grupo do que suas próprias experiências pessoais. Contudo, observamos as regras que proibiam a indicação de remédios. Além disso, destacamos que uma das administradoras era, segundo G., enfermeira-obstétrica, sendo a única quem dava suporte sobre dúvidas relacionadas à gestação (dores, desconfortos etc.) e às crianças (como reações a vacinas) que envolvessem conhecimento médico. Apesar disso, por vezes alguma participante fornecia um conselho nesse escopo em comentários, a partir, geralmente, de algo que seu próprio médico havia indicado. Tais manifestações, porém, eram silenciadas e excluídas pelas moderadoras, uma vez que, conforme explica G., “apenas médicos podem indicar remédios e afins. Não sabemos se a criança tem alergia a algo indicado por alguma integrante”.

As falas das participantes também revelam o respeito à autoridade médica e àqueles que possuem tal formação. K. relata confiar em “médicos e [em canais no] Youtube de mães que são médicas ou psicólogas”. Conforme esclarece R.: “Pra mim só médicos e enfermeiras e algumas amigas que entendem do assunto ou lá no DAM porque qualquer coisa errada busco ajuda da S. [moderadora enfermeira]”. As amizades eram levadas em consideração, mas apenas as que se qualificavam como “entendidas” naquilo que era perguntado. Enquanto L. afirma que “sempre consulto a internet e a um site (de mães jornalistas) específico” por achar “bem confiável por conter tópicos sobre tudo e experiência de leitoras também”, J. diz que confia em “médicos e grupos de mães, os médicos pelo conhecimento e os grupos devido à experiência como mãe”. Junto ao discurso médico as narrativas sobre experiências pessoais são tidas como as mais confiáveis.

De modo algum defendemos que somente o conhecimento científico poderia ser tido como confiável quanto à maternidade (ou que bastaria uma formação na área médica para quem alguém se tornasse digno de confiança), mas ressaltamos que as fronteiras entre os discursos científico e popular parecem diminuir nas redes, sendo a internet importante lugar de mediação e visibilidade dos relatos pessoais, inclusive os provenientes de cientistas.

Tratando-se de “sujeitos comuns”, podemos nos apoiar em Tang e Liu (2015, p. 1), ao ressaltarem que “no contexto das mídias sociais a confiança ajuda a responder

questões como em quem podemos confiar para compartilhar informações e de quem podemos aceitar informação sem verificação adicional”. Quando perguntadas sobre em que mídias e perfis tendiam a confiar mais, as entrevistadas apresentam diversos critérios. Para L. o mais importante não é a mídia em si, mas o número de pessoas que participam de determinado grupo. Em suas palavras: “quanto mais pessoas tiverem, menos confiável ele se torna”. Já R. afirma ter um comportamento que podemos chamar de *lurker*, a observação dos grupos e ambientes para avaliar se podem ser considerados confiáveis ou não. Enquanto K. insiste que “nenhuma rede de tecnologia [pode] ser confiável por causa de *fakes* e infiltrados”, por isso “pesquisa sobre tudo que uso”. L2. classifica o DAM como confiável, pois “tem mãezinhas ali que já são mães de segunda viagem pra cima e podemos confiar nelas”. O alinhamento entre o conteúdo da mídia e sua proposta também se mostrou relevante para Y., que afirma que “procuro conhecer as ADMs primeiro, relacionar as publicações pra ver se os assuntos batem com a proposta do grupo”.

As entrevistadas demonstraram desconfiança nas “novas” tecnologias devido à possibilidade de perfis *fake*. Seus critérios para avaliar um perfil como verdadeiro variavam entre o número de amigos em comum, número de postagens (se poucas, menor confiança) e tipo de postagens (fotos com filhos e família tornariam os perfis menos prováveis de serem falsos). Ainda que no DAM pudesse haver perfis *fake*, era tido como lugar de confiança.

c) Compartilhamento de experiências íntimas

A classificação do grupo como espaço de construção de laços sociais e amizades apontava, de início, para a ideia de que, quanto mais fortes os laços, maior confiança seria estabelecida entre as participantes. Contudo, chamou-nos a atenção a postagem abaixo:

Figura 3: Desabafo somente para não conhecidas



O *post* indica que haveria assuntos a serem “desabafados” que poderiam constranger a participante caso fossem descobertos por pessoas de seu círculo social mais próximo. As falas das entrevistadas também apontam para uma prática de não exposição excessiva e de autorreflexão sobre os conteúdos a serem compartilhados no grupo, reiterando dados da pesquisa de Polivanov (2012) – sobre um grupo social distinto – de que não se trataria de uma exposição aleatória da intimidade nos sites de redes sociais. K. afirma que “tento o máximo não me expor muito, tento contar pouco de minha vida em redes sociais, tem muita gente maldosa”, enquanto L. aponta que outra plataforma do grupo seria mais pertinente para relatos mais íntimos: “sobre desabafos e minhas conquistas prefiro falar no grupo DAM do WhatsApp, com as amigas que fiz lá”.

L2 explica que “a vida íntima eu não gosto muito de publicar, mas conversar com algumas meninas eu gosto”, enquanto C. coloca a confiança que tem nas integrantes do DAM como uma de suas vantagens (“tenho certeza que é confiável porque as mulheres do grupo são incríveis, ajudam com tudo que podem e tiram nossas dúvidas, como um grupo de mães unidas e isso me faz confiar no nosso grupo”). Já Y. afirma que compartilha experiências pessoais “de todos os tipos, me sinto bem à vontade” no DAM, atribuindo seu diferencial ao “fato de só ter mulheres no grupo. Me sinto um pouco mais segura do que em outras mídias e grupos”. O convívio entre mulheres com vivências maternas semelhantes às próprias é importante para considerar uma mídia na qual ocorrem discussões sobre a maternidade como mais ou menos confiável. Para J., “a vantagem [do DAM] é que sempre tem alguém na mesma situação”. L. se alinha a ela ao dizer que “lá eu encontro pessoas que de alguma forma têm a ver comigo e com a minha realidade”. Apesar de usarem o Facebook e o DAM para conversarem sobre suas vivências maternas, a maior parte das entrevistadas não se sentia segura ou confortável o bastante para compartilhar experiências e relatos íntimos na maioria das mídias sociais.

Conclusões

Como a pesquisa é um trabalho ainda em desenvolvimento, os resultados não são finais, mas tendem a apontar para considerações parciais interessantes. Confiança é uma construção discursiva complexa que está relacionada, no cenário da modernidade tardia, a um sentimento de ansiedade por se ter que fazer escolhas diariamente, como Giddens (1991) já havia apontado. Ela envolve disputas narrativas que afetam e são afetadas por esferas distintas, como a religiosa, a científica e a política. Ademais, não está relacionada

somente a humanos, mas agora também a algoritmos e companhias que desenvolvem sites de redes sociais cujas regras e modos de funcionamento nem sempre são claros.

As mídias sociais possuem grande relevância como fonte de informação para as membras do grupo. As narrativas pessoais de mães que dele participavam provêm de experiências consideradas reais, mesmo que venham de pessoas com as quais se compartilham laços fracos. Porém, a autoridade médica está presente tanto nas regras do DAM quanto na convicção pessoal de suas participantes. Por um lado, as mulheres – inseridas na cultura digital – têm mais acesso à informação do que em tempos anteriores, mas, por outro, precisarem lidar com a multiplicidade de discursos pode ser confuso e mesmo frustrante.

Outra mudança é que se o aconselhamento parental no passado recente parecia ser mais focado nas crianças, agora nas mídias sociais há uma proliferação de discursos que também se voltam para as próprias mães enquanto mulheres, para além de seus filhos. Observa-se ainda que, ao mesmo tempo em que há maior cobrança para que os pais compartilhem as atividades de cuidado de seus filhos com as mães, há também a necessidade da criação de “zonas de segurança” voltadas somente às mulheres.

Esperamos seguir com esta pesquisa e discutir os seguintes aspectos em trabalhos futuros: a) o nível de conhecimento que as mulheres participantes de grupos com proposta semelhante à do DAM possuem sobre agentes não humanos, como *bots*, e de que formas lidam com eles nas conversações *online*; b) a relação entre a exposição de informações pessoais, por vezes de difícil compartilhamento e demasiado íntimas, e o processo de ganho de confiança das outras interagentes no grupo através da abertura para o outro – parte da noção de *self-disclosure* (BAYM, 2010); e c) as especificidades de outros grupos fora do contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. **As narrativas sobre os algoritmos do Facebook**: Uma análise dos 10 anos do feed de notícias. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BAYM, N. **Personal connections in the digital age**. Cambridge, UK: Polity, 2010.

BRUNO, F. Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital. **Revista FAMECOS**, v.15, n.36, p. 10-16, ago. 2008.

DOURADO, T.; GOMES, W. O que são, afinal, fake news, enquanto fenômeno de comunicação política? **Anais do Compólitica**, 2019.

FIGUEIREDO SOUZA, A. L. “**Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!**”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, 2019.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**: Self and society in the late modern age. Stanford: Stanford University Press, 1991.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, Vol. 78, p. 1360-1380, 1973.

HAIR, N.; CLARK, M. An Enhanced Virtual Ethnography: the Role of Critical Theory. **Proceeding from the 3rd International Critical Management Studies Conference**, Lancaster University, 2003.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London, Chicago: SAGE, 2000.

LÉVY, P. **Cyberculture**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 1997.

LUNDASEN, S. Podemos confiar nas medidas de confiança? **Opinião Pública**, Campinas, v. VIII, n. 2, p.304-327, 2002.

MARCHI, R. With Facebook, Blogs, and Fake News, Teens Reject Journalistic “Objectivity”. **Journal of Communication Inquiry**, v. 36, n. 3, p. 246-262, 2012.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, p.59-76, jun. 2010.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais**: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, 2012.

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. *In*: _____. (Ed.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000.

SILVA, T. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2J5eoDT>. Acesso em: 11 jun. 2019.

TANG, J.; LIU, H. Trust in Social Media. **Synthesis Lectures on Information Security, Privacy, and Trust**, v.10, n.1, p. 1-129, 2015.

TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galaxia (Online)**, n. 29, p. 155-166, jun. 2015.

VAN ZOONEN, L. I-Pistemology: changing truth claims in popular and political culture. *In*: **European Journal of Communication**, v.27, n.1, 2012.